Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

COORDENADOR PEDAGÓGICO

Um auxiliar no estabelecimento de relações afetuosas na escola

Ane Rúbia Perius

Professora-orientadora Mestre: Juliana Fonseca Duarte

Professora monitora-orientadora: Mestre Andréia Mello Lacé

Brasília (DF), maio 2013

Ane Rúbia Perius

COORDENADOR PEDAGÓGICO

Um auxiliar no estabelecimento de relações afetuosas na escola

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora-orientadora Mestre Juliana Fonseca Duarte e da Professora monitora-orientadora Mestre Andréia Mello Lacé.

Brasília (DF), maio 2013

TERMO DE APROVAÇÃO

Ane Rúbia Perius

COORDENADOR PEDAGÓGICO

Um auxiliar no estabelecimento de relações afetuosas na escola

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

_____	_____
Msc Juliana Fonseca Duarte	Msc Lívia Silva Souza – SEEDF
(Professora-orientadora)	(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013

A Deus, pelo precioso dom da vida.
À família pelo apoio e compreensão pelas horas ausentes.
Minha gratidão aos mestres pelo apoio, por
repartiram comigo os seus conhecimentos,
transformando os meus ideais em realizações.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar como o coordenador pode auxiliar a escola a estabelecer uma relação afetuosa entre os atores envolvidos com educação para favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Para alcançar o objetivo proposto o referencial teórico foi fundamentado nos autores Kramer (2007), Wallon (apud Grandino, 2010), Piaget (apud Wadsworth, 1996), Mahoney (2004). Os autores citados facilitaram o estabelecimento de um diálogo com as informações colhidas com pais e professores acerca da aprendizagem aliados à emoção e a afetividade e da necessidade de se desenvolver uma relação afetiva entre pais e escola a fim de favorecer a aprendizagem. Por meio da abordagem qualitativa os objetivos a serem alcançados, definindo como instrumento de coleta de dados o questionário realizado com pais e professores. Na análise dos dados coletados observaram-se alguns pontos convergentes entre pais, professores e autores acerca da importância do vínculo afetivo na promoção da aprendizagem. E como articulador dessa ligação família/ escola encontra-se a figura do coordenador pedagógico como responsável pela mediação de ações para o desenvolvimento de práticas que estabeleçam um vínculo emocional entre família e escola.

Palavras-chave: coordenador; educação; afetividade.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Como é sua participação nas reuniões de pais?.....29
Tabela 2: Os pais conhecem o coordenador pedagógico da escola?.....34
Tabela 3: Os pais já tiveram contato com o coordenador da escola? 35
Tabela 4: Como é a relação entre educando e professor na visão dos pais?.....36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Acompanhamento das atividades escolares.....25
Gráfico 2: Sobre quais assuntos conversa com seu filho?.....38
Gráfico 3: Motivos que impedem a participação efetiva dos pais.....30
Gráfico 4: O que a escola pode fazer para melhorar a participação dos pais.....31
Gráfico 5: Os pais acompanham o dever de casa?.....33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09
1 REFERENCIAL TEÓRICO 13
1.1 Aprendizagem e afetividade 13
2 METODOLOGIA 22
Procedimentos e instrumentos metodológicos 22
Relato da Coleta de dados 23
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS 25
3.1 Questionário com os pais 25
3.2 Questionário com os professores 36
CONSIDERAÇÕES FINAIS 40
REFERÊNCIAS 43
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS PAIS 44
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO REALIZADO COM OS PROFESSORES 46

INTRODUÇÃO

A escola onde foi realizada a pesquisa está localizada na zona rural de Brazlândia, cidade satélite do Distrito Federal (DF), no núcleo rural Chapadinha escola onde atuo. A escola possui uma clientela de alunos em sua maioria carentes, com alunos de um acampamento, próximo à escola, e um bom percentual de alunos é filho de caseiros, meeiros sem um emprego fixo que acabam mudando de endereço várias vezes ao ano.

A escola possui cinco salas de aula atendendo dez turmas, cinco no período matutino e cinco no período vespertino totalizando 160 alunos. O número de alunos muda muito no decorrer do ano devido as mudanças das famílias. Atende duas turmas de educação infantil, e oito turmas do 1º ao 5º ano.

Na escola quatro salas comportam no máximo 21 alunos, tendo uma sala que comporta 28 alunos. Quanto à estrutura física da escola, segundo uma pesquisa divulgada pelo Correio Brasiliense no ano de 2012, encontra-se entre as piores em relação à estrutura física ficando em oitavo lugar do total de escolas do Distrito Federal e em primeiro lugar de Brazlândia.

No ano de 2012 foi construída uma biblioteca com recursos advindos de galinhadas, festas juninas, bazares, e contou com o auxílio e envolvimento de alguns produtores rurais da região da administração de Brazlândia e da Gerencia Regional de Ensino. A comunidade se mobilizou em prol de um objetivo comum e a biblioteca foi dividida internamente deixando um espaço para que se desenvolva o trabalho de artes com as turmas, e não havia espaço para guardar e organizar seu material.

Os pais participam razoavelmente das reuniões de final de bimestre e quando solicitada sua presença para outras atividades a participação reduz muito; participam mais quando propõe-se sorteio de brindes, bingos, prêmios em geral.

Nesse quadro apresentado, desenvolveu-se o problema de pesquisa procurando formas de estreitar mais os laços família e escola.

Muitas dificuldades das crianças talvez estejam ligadas a falta de expectativas advindas de seus pais e professores, pensei assim em delimitar minha pesquisa focando no tema os atores do processo ensino aprendizagem, e delimitando o mesmo na perspectiva do que pode gerar essa interferência.

Na prática pedagógica nos deparamos com situações corriqueiras que precisam de soluções e atitudes, que se nós permitirmos acabam por distanciar o real papel das instituições de ensino. A estes acontecimentos corriqueiros existem os acontecimentos acidentais que ocorrem no dia a dia da escola e por outro lado tudo que exige preparação, estudo, reflexão e é vital a educação que é realmente essencial pode acabar sendo deixado em segundo plano devido os acontecimentos diários.

Pensando nisso formulei meu problema de pesquisa em como o coordenador pedagógico pode auxiliar o grupo escolar a estabelecer o que é essencial por meio de uma interação afetiva e estreita entre todos os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Ficando assim delimitado o problema de pesquisa: Como o coordenador pode auxiliar a escola a estabelecer uma relação afetuosa entre os atores envolvidos com educação para favorecer o processo de ensino e aprendizagem?

O objetivo principal desta pesquisa é investigar como o coordenador pode auxiliar a escola a estabelecer uma relação afetuosa entre os atores envolvidos com educação para favorecer o processo de ensino e aprendizagem, tendo como ponto de partida o envolvimento dos atores, de fazer todos se sintam envolvidos com a educação como seres participantes e ativos da escola.

Tem-se na figura do coordenador pedagógico um importante articulador que tem nas mãos as possibilidades de agregar pessoas em prol de um objetivo comum.

Objetivos específicos:

- Observar por meio dos instrumentos de pesquisa se ocorre uma colaboração entre escola e família na vida escolar dos educandos
- Verificar se é considerado importante entre os entrevistados ter entre esses dois segmentos um vínculo afetivo.
- Observar se os professores reconhecem em sua prática a questão afetiva e como ela encontra-se presente.
- Coletar dados por meio de questionário sobre a visão que as famílias possuem da escola e como esta participa da vida escolar
- Verificar se as famílias têm conhecimento sobre o papel do coordenador pedagógico na escola.

Para que tal objetivo possa ser alcançado enviou-se um questionário as famílias onde os pais tiveram a oportunidades de expor quais visões possuem sobre

o desenvolvimento escolar de seus filhos, sobre sua participação na vida escolar deste e da importância que consideram ter a afetividade sobre a aprendizagem dos educandos e como a escola pode atuar a fim de auxiliar os mesmos a atingir seus objetivos.

A partir da coleta de dados sobre a visão que as famílias e professores possuem do trabalho da escola, foram tabulados estes dados de forma a fornecer um parâmetro geral sobre a visão das famílias e professores então poder comparar as opiniões expressas na intenção de identificar formas de mediação que o coordenador pode desenvolver para estreitar a relação entre a família e a escola, despertando vínculos afetivos.

O público alvo selecionado são as turmas de primeiro ao quinto ano da Escola Classe Chapadinha bem como suas famílias e a relação destes com a escola. Selecionei este público ao considerar que a relação estabelecida no vínculo familiar interfere e reflete na escola. No período do primeiro ao quinto ano essa influencia ainda é maior devido à criança estar em formação e acaba refletindo costumes hábitos vivenciado em seu dia a dia.

Vejo na figura do coordenador um articulador em potencial para fazer com que as famílias percebam a importância de sua presença, de se vislumbrar um futuro positivo para as crianças nesses primeiros anos de formação.

Para alcançar os objetivos propostos a monografia foi dividida em capítulos. O primeiro intitulado referencial teórico traz uma sistematização dos conceitos chave que estruturam a análise das informações colhidas. Autores tais como Mahoney (2004), Dessen e Polonia (2007) e Kramer (2007) foram os mais utilizados. O capítulo 2 trata da metodologia, por meio da abordagem qualitativa definiu-se como instrumento de coleta de dados o uso de questionário, realizado com pais e professores a fim de traçar uma comparação entre as visões destes acerca da influencia da afetividade na aprendizagem corroborando com o referencial teórico aqui utilizado.

Já o último capítulo, intitulado apresentação e análise dos dados coletados apresenta um levantamento da coleta de dados feita com pais e professores onde, procurou-se dialogar entre as opiniões expressas por estes atores, com pontos defendidos pelos autores utilizados. Neste capítulo utilizaram-se quadros e gráficos para uma melhor visualização dos dados tabulados.

Pretende-se ao final, desta pesquisa, traçar um parâmetro de ações que possam ser desenvolvidas pela escola, afim de, sugerir formas de estreitar as relações interpessoais nos espaços escolares auxiliando o ensino e aprendizagem fazendo deste um processo prazeroso de troca de saberes e de afetos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Aprendizagem e afetividade

O presente referencial teórico se baseia em alguns autores trabalhados no decorrer deste curso, livros que influenciaram na escolha do tema, bem como sites de pesquisa científica, como o Scientific Electronic Library Online Brasil (Scielo) e a Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em educação (ANPEd).

O site da Scielo foi acessado utilizando cinco descritores: relação afetiva e aprendizagem, coordenador pedagógico mediador, coordenador pedagógico mediação, coordenador pedagógico e afetividade, coordenador e trabalho pedagógico, coordenador pedagógico nas séries iniciais. Dos textos apresentados, selecionei três textos que chamaram mais a atenção por tratarem a questão da aprendizagem, o envolvimento necessário entre família e escola para que essa aprendizagem ocorra e a questão do desenvolvimento e envolvimento afetivo na educação.

No site da ANPEd, realizei a pesquisa no Grupo de Trabalho 20 (GT 20), que se refere a pesquisas que tratam da psicologia da educação. Onde encontrei textos que serviram para o aprofundamento teórico.

Não se pode deixar, todavia, de ressaltar o referencial básico sobre a função do coordenador, uma vez que a pesquisa se desenrolará a partir das atribuições deste profissional onde, segundo Piletti (1998), existem algumas atribuições básicas do coordenador pedagógico e essenciais para que o trabalho pedagógico dentro das unidades de ensino possa ser bem desenvolvido. Dentre as várias atribuições, destacam–se as seguintes quanto à assessoria que o mesmo presta ao trabalho docente

> a) acompanhar o professor em suas atividades de planejamento, docência e avaliação;
> b) fornecer subsídios que permitam aos professores atualizarem-se e aperfeiçoarem-se constantemente em relação ao exercício profissional;
> c) promover reuniões, discussões e debates com a população escolar e a comunidade no sentido de melhorar sempre mais o processo educativo;
> d) estimular os professores a desenvolverem com entusiasmo suas atividades, procurando auxiliá-los na prevenção e na solução dos

> problemas que aparecem (PILETTI 1998, p. 125 apud LIMA; SANTOS, 2007).

Entre essas atribuições cabe aqui como parte integrante do referencial teórico de forma a auxiliar ao coordenador a manter o foco em suas atribuições e como, por meio desta, o coordenador pedagógico poderá atuar para despertar um vínculo afetivo entre os atores envolvidos com a aprendizagem escolar e para que a pesquisa tenha clareza das funções do coordenador..

Para ofertar um respaldo em alguns termos empregados no problema de pesquisa Wallon (2007 apud GRANDINO, 2010) no que tange a parte de afetividade relacionada ao trabalho do coordenador pedagógico, acredita na indissociabilidade entre o ato motor, a afetividade e inteligência. Assim, na prática pedagógica do coordenador pedagógico, atuar de forma a estabelecer laços afetivos entre os atores envolvidos no processo de aprendizagem não foge de suas atribuições e colabora com o aluno e com o professor ao atuar de forma a considerar os laços existentes entre os diversos atores. Podemos perceber que

> a emotividade é a força que garante a mobilização do adulto para atender suas necessidades Wallon (2007) afirma que a expressão emocional é fundamentalmente social, pois precede e supera os recursos cognitivos (WALLON, 2007 apud GRANDINO, 2010, p. 37).

Para referendar a questão da aprendizagem escolar, segundo Wadsworth (2004), Piaget não considera a aprendizagem em si, mas como as etapas se processam no desenvolvimento humano favorecendo a aprendizagem. Para Piaget o processo de aprendizagem passa por uma constante alteração, que segue princípios básicos do desenvolvimento cognitivo e biológico do indivíduo.

O desenvolvimento segundo os estudos de Piaget (apud Wadsworth, 2004) constitui-se por um processo de organização e adaptação ao meio, que passa por quatro conceitos básicos: esquema (estruturas mentais que os indivíduos possuem para compreender o meio), assimilação (é o processo que a pessoa integra um novo dado aos esquemas já construídos), acomodação (pode ser a criação de novos esquemas ou a modificação de algum esquema já existente) e equilibração (é o que permite que um novo conceito seja incorporado ao esquema é o regulador interno desses processos).

Segundo Wadsworth (2004), o trabalho de Piaget atribuiu dois usos para a palavra aprendizagem, um como sinônimo de desenvolvimento e outro onde a aprendizagem é mais restrita, refere-se a informações específicas do desenvolvimento e é capaz de assimilar os esquemas existentes.

O coordenador pedagógico tem que ter clareza e conhecimento de como ocorre o processo de aprendizagem para desta forma poder intervir junto aos professores, alunos e familiares para favorecer que a aprendizagem ocorra de forma efetiva. Ter clareza dos objetivos que se pretende alcançar permite que o coordenador pedagógico procure despertar o lado afetivo entre os atores envolvidos no processo de aprendizagem escolar, buscando o estabelecimento desse vínculo onde a parte principal seja o resgate da responsabilidade de todos com o desenvolvimento da criança. Neste caso, a figura do coordenador torna-se fundamental para a comunicação entre os atores na busca de uma integração entre família e escola.

Kramer (2007) afirma que e pela singularidade desta etapa da vida, nós adultos, neste contexto histórico não estamos preparados para lidar com a infância. Para Kramer (2007, p.19) “a indisponibilidade do adulto parece impregnar a vida contemporânea, marcada pelo individualismo e pela mercantilização das relações”.

Os pais estão em busca do sustento da prole e cada vez mais da realização pessoal e das aquisições de mercado, impregnados muitas vezes do conceito de ser valorado pelos bens de capital que possuem. Os professores engajados neste mundo capitalista estão como em uma empresa, precisam produzir resultados, trabalham muitas vezes por um salário que é insuficiente para manter as exigências do mundo capitalista. Os alunos reféns da mídia onde o adulto, como afirma Kramer (2007), acaba tendo medo de lidar com as crianças, medo de estabelecer regras e fazer acordos, de corrigir as infrações cometidas de lidar com as crianças com o diálogo franco, honesto fazendo uso de sua autoridade como adulto educador de uma criança.

Na educação básica nos anos iniciais devem ser associados alguns conceitos com os conhecimentos envolvidos e construídos com os afetos; saberes e valores se entrelaçam, cuidados se misturam a atenção, e a seriedade é intercalada ao riso. Cada qual no seu momento, tudo entremeado pelo diálogo com os vários campos do conhecimento e com as crianças. E a figura do coordenador pedagógico, como adulto, tem a responsabilidade de estar disponível para a criança direta ou

indiretamente no trabalho com os professores, vislumbrando formas do trabalho pedagógico coletivo contemplar as necessidades dos educandos ou na promoção de um diálogo com as famílias.

Para que as aprendizagens possam ocorrer, faz-se necessário o tempo para que os mecanismos de estruturação possam ser estabelecidos. Rossetti-Ferreira (2007) afirma que existem quatro tempos interligados que caracterizam a vivência da pessoa humana e que afetam o processo de aprendizagem, sendo eles os tempos presente, vivido e histórico e, o que se pretende destacar aqui, o tempo futuro. Este, é formado no indivíduo partindo das expectativas que os outros têm a respeito do indivíduo, sendo assim, definido pelos autores

> Tempo prospectivo, ou orientado para o futuro é baseado nos outros três tempos. Através dele, expectativas individuais e coletivas, proposições e metas são criadas. É, também, estruturado por formações discursivas e ideológicas, assim como por motivações e desejos individuais ou compartilhados, antecipações e planos, os quais delimitam, de vários modos, as ações e interações presentes (ROSSETTI- FERREIRA, 2007, p. 3).

Percebo que este tempo futuro destacado acima tem estado falho no desenvolvimento de nossas crianças e unta-se a isso a indisponibilidade dos pais, de adultos significativos para as crianças para ofertar perspectivas futuras para esse indivíduo em formação. Assim, como o coordenador pedagógico pode atuar de forma a despertar estas expectativas nos educandos favorecendo as aprendizagens?

A família, segundo, Dessen e Polonia (2007, p.22), é “um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir suas relações sociais”. E toda essa diversidade de aprendizagens se agrega no cotidiano escolar, muitos sem visão de um tempo futuro, como foi destacado anteriormente, tendo que lidar com a indisponibilidade do adulto; o que pode ser feito pela escola para ofertar um ensino onde essa diversidade de indivíduos possa ser realmente considerada de forma a promover uma aprendizagem que contemple as características subjetivas dos educandos.

Sendo assim, como o coordenador pedagógico pode interferir nos impactos causados pela família, pelos professores, pelos demais atores em contato com a criança visando uma formação eficiente deste ser?

Ainda falando de família, segundo Oliveira e Bastos (2000 apud DESSEN; POLONIA, 2007, p.25), “os laços afetivos asseguram o apoio psicológico e social entre os membros familiares, ajudando no enfrentamento do estresse provocado por dificuldades do cotidiano”. Um bom desenvolvimento familiar pode contribuir para um desenvolvimento saudável. Para Dessen e Polonia (2007)

> Os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 24).

Nessa lógica um bom desenvolvimento familiar colabora com um bom desenvolvimento escolar e social. Aqui podemos considerar laços afetivos constituídos nos ambientes escolar quando considerarmos este como um segundo ambiente socializador após a família, um ambiente que possibilita a diferença entre o preparo ou não do enfrentamento de situação adversas ocorridas no ambiente social.

Nesse caso, segundo, Dessen e Polonia (2007, p.28), “a escola oferece uma oportunidade de exercitar um novo papel que propiciará mecanismos importantes para o seu desenvolvimento cognitivo, social, físico e afetivo, distintos do ambiente familiar.” Cabe ao coordenador auxiliar o educando e o professor nessa difícil transição e na interpretação de novos papeis sociais articulando ações entre família e escola, de forma a minimizar as dificuldades da criança de adaptação ao ambiente escolar e no relacionamento interpessoais com os demais atores envolvidos no ambiente escolar.

Considerando que a rede de apoio constituída no ambiente escolar é composta por uma diversidade de interações entre as pessoas (professores, alunos, coordenador, direção), essas interações permitem a aquisição de habilidades e construção de diferentes técnicas e formas de lidar com as adversidades e problemas surgidos, possibilitando sua superação com sucesso ou a capacitação de aceitar o fracasso.

Dessen e Polonia (2007) afirmam que tanto na escola como no ambiente familiar, encontramos seres capazes de nos auxiliar no processo de crescimento desenvolvendo diferentes papeis em cada ambiente

> Na família, há o reconhecimento do papel dos pais, irmãos e outras pessoas que convivem com a criança ou adolescente e sua contribuição para o desenvolvimento geral e acadêmico. Na escola, destacam- se os professores e os pares, uma vez que estes se envolvem cotidianamente em atividades programadas e realizam intervenções importantes que afetam o processo de ensino e aprendizagem (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 28).

A família é o primeiro ambiente de formação do ser humano e por meio das relações estabelecidas nesse ambiente é que se forma o sujeito. As vivencias passadas pelos sujeitos nesse ambiente deixam marcas por toda a vida. Seja quem for que tenha a responsabilidade com a criação de um indivíduo, tem que fazê-lo com responsabilidade. E essa responsabilidade é exigida da sociedade cabendo também à escola, na figura do coordenador pedagógico, articular ações que despertem nas famílias o cuidado que devem ter com o sujeito em formação, bem como saibam da importância que as mesmas têm para o desenvolvimento do educando.

Vê-se em noticiários jovens de boas famílias que de alguma forma trágica não souberam lidar com as pressões da sociedade. Creio que a falta de uma educação escolar que considere todas as possibilidades dos educandos, e se ofereça uma formação voltada para o afeto em primeiro lugar, tornando o indivíduo mais preparado para enfrentar o mundo.

Na tentativa de oferecer um trabalho humanizado o coordenador tem a função de, na formação continuada junto aos professores, preparar estudos com foco relacionado à importância do acolhimento do educando, do respeito as suas emoções e com a preocupação de se tentar criar um vínculo afetivo com o educando. No trabalho do educador não se pode deixar esquecida a afetividade, visto que esta é um fator essencial, e funciona como elo de sedução entre educando e educador.

Defende-se aqui a relação de respeito, camaradagem, onde deve existir um sentimento de continuidade entre o que é desenvolvido na escola e as expectativas que as famílias têm acerca do desenvolvimento escolar de seus filhos. Na escola e na família deve coexistir uma parceria, uma cumplicidade que proporcione o desenvolvimento integral do educando, nas áreas cognitiva, emocional, afetiva, social e motora.A organização escolar dirige a inserção dos indivíduos em um

espírito de coletividade por meio de atividades criativas que promovam o desenvolvimento amplo do ser.

Segundo Mahoney (2004, p.14), acerca da teoria de Wallon, “o desenvolvimento da criança se constitui no encontro, no entrelaçamento de suas condições orgânicas e de suas condições de existência cotidiana, encravada numa dada sociedade, numa dada cultura, numa dada época”. Podemos inferir que, para a teoria de Wallon, o desenvolvimento é inseparável das relações afetivas que estabelecemos e do ato motor. É nessa interrelação entre a cognição, o motor e a afetividade que a pessoa se constitui como ser único e individual, circundado de aprendizagens. Um dos aspectos mais relevantes na formação dos indivíduos é a habilidade emocional, outros aspectos do desenvolvimento podem ser adquiridos a partir de habilidades despertadas pelo lado afetivo. Aprende-se a gerenciar os aspectos mais relevantes a serem considerados na educação, e a partir desta se desenvolve as habilidades cognitivas, sociais, motoras atreladas à emoção.

Temos que observar e considerar que “cada atividade da criança resulta, então, da integração pela pessoa do cognitivo, com o afetivo e com o motor” (MAHONEY, 2004, p.16). Temos que, como educadores, buscar promover um encantamento. Para a educação esse encantamento pode ser despertado por uma história, uma brincadeira, um jogo, um relaxamento que desperte a emoção para desenvolvimento cognitivo. O coordenador neste caso é um pesquisador, articulador para, junto com os educadores, pensar em formas variadas de envolver o educando no mundo da aprendizagem.

Segundo Mahoney, o conjunto afetivo que forma o ser humano

> oferece as funções responsáveis pela emoção, pelos sentimentos e pela paixão, que são os sinalizadores de como o ser humano é afetado pelo mundo interno e externo. Essa condição de ser afetado pelo mundo estimula tanto os movimentos do corpo como a atividade mental. São recursos de sociabilidade, de comunicação, exercendo atração sobre o outro com apoio do motor (MAHONEY, 2004, p.17).

Um bom educador saberá criar essa atração para tornar o desenvolvimento cognitivo favorável à aprendizagem atraído pelo afetivo e apoiado no motor

O campo afetivo deve ser encarado pelos profissionais da educação com seriedade, ter um vínculo afetivo com o aluno não significa apenas abraçá-lo e beijá-lo. Mas, apresentando ao educando com seriedade e responsabilidade de educador

os conteúdos e objetivos a serem alcançados, sabendo tecer elogios sempre que se fizer possível e apontar erros que sirvam para uma transformação de vida, de pensamento.

Os adultos devem ter autoridade em suas palavras e ações, expressando-se de modo que possa ser bem compreendidos, pois, isso exige disponibilidade de tempo para saber escutar as diversas formas de expressão das crianças, bem como sensibilidade para interpretar tais expressões e adequar a fala de forma a atingir positivamente os educandos.

Mahoney (2004, p.17) expressa que “é no entrelaçamento com o motor e o cognitivo que o afetivo propicia a constituição de valores, vontades, interesses, necessidades, motivações que dirigirão escolhas, decisões ao longo da vida”. Uma boa base de formação no momento presente podem ser o diferencial e o condutor de muitas transformações, dos valores que acabam sendo apreendidos pelo sujeito.

No processo de desenvolvimento do sujeito, de construção de valores, é vital a presença do adulto significativo, que crie oportunidades do educando se encontrar. Proporcionando momentos e espaços de refletir sua forma de interação com o mundo que o cerca. Relacionamo-nos desempenhando papéis no âmbito familiar, escolar ou social. Segundo Mahoney (2004, p.16), “o papel do outro é crucial: organiza as atividades da criança e é seu complemento indispensável e permanente”.

O coordenador pedagógico deve ter clareza e desenvolver estudos e reflexões junto aos educadores de forma a compreender a singularidade de cada sujeito em desenvolvimento. Uma vez que “cada indivíduo tem uma forma própria e única, que caracteriza sua personalidade em movimento contínuo” (MAHONEY, 2004, p.19).

O coordenador pedagógico deve proporcionar a integração dos diversos segmentos valorizando o trabalho coletivo, favorecendo com que as decisões sejam tomadas no coletivo. Segundo Lima e Santos (2007, p.78), “como agente responsável pela formação continuada de professores, o coordenador pedagógico deve sensibilizar seu saber-fazer de maneira a não unilateralizar as tomadas de decisão”.

No fazer pedagógico devem ser considerados os interesses e necessidades do corpo docente em virtude da realidade da instituição de ensino e de seus educandos. O coordenador das escolas precisa sim construir uma identidade

profissional, e esta deve constituir-se de forma sólida, para não se perder nos percalços do caminho. A escola é um ambiente vivo onde ocorrem vários acontecimentos concomitantes; mas sem identidade, sem um roteiro, um planejamento com metas e objetivos, é fácil se perder, desviar-se de função e aceitar o acúmulo de funções existentes na rotina escolar.

No cotidiano das escolas ocorrem acidentes de percurso pedagógico, como a falta de um professor, uma conversa com aluno, atendimento a um pai, acontecimentos que necessitam ser solucionados, mas não podem tomar mais tempo que o necessário para solucioná-lo, para que não se perca a essência do trabalho pedagógico.

O que é essencial, então, no trabalho do coordenador pedagógico? É algo que requer tempo, planejamento coletivo, reflexão, compreensão. Então, o coordenador deve focar seu tempo e esforços em função da proposta pedagógica da instituição de ensino, que construída coletivamente deve refletir as necessidades dos educandos e dos mecanismos utilizados para que o trabalho da instituição consiga atingir seus objetivos.

O coordenador pedagógico é de certa forma o farol da escola que mostra a direção a seguir. Um farol que foi instalado pelo coletivo da escola de forma a orientar e não permitir que a escola perca seu caminho, suas metas estabelecidas, não se desvirtue do essencial em função dos acidentes de percurso.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como tema os atores envolvidos no processo ensino aprendizagem, onde se busca perceber como a relação afetiva se estabelece entre família e escola, articulada pelo papel do coordenador pedagógico. Aqui se procurou descobrir como o coordenador pedagógico pode estabelecer laços, a fim de criar um vínculo entre família e escola favorecendo o processo de aprendizagem.

Foi realizada uma seleção de artigos que de alguma forma tocam na questão da aprendizagem, da afetividade e das relações interpessoais a favor da aprendizagem. Nos textos lidos, buscou-se referendar alguns posicionamentos acerca da necessidade de escola e família estabelecerem um vínculo afetivo para desenvolver um processo de ensino aprendizagem que contemple as necessidades de aprendizagem da criança, tendo o coordenador pedagógico como articulador desse processo.

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotar-se-á a abordagem qualitativa, onde, segundo Triviños (1987), a mesma apresenta grandes avanços no campo educacional, haja vista a possibilidade de interpretação de dados onde não se pode experimentá-los. Optou-se pela pesquisa qualitativa, pois, favorece a compreensão das questões da afetividade considerando a perspectiva dos participantes e ofertando uma visão global sobre o fenômeno em destaque.

2.1 Procedimentos e instrumentos metodológicos

Como instrumento de coleta de dados, optei pelo uso do questionário, aplicado no âmbito da instituição de ensino onde atuo. O mesmo foi elaborado para dois segmentos escolares, pais e. O questionário foi escolhido como tentativa das famílias terem liberdade de transcrever a realidade a que estão sujeitas e a visão que possuem da instituição de ensino a qual seus filhos freqüentam.

No segmento professores foram distribuídos questionários a dez professores, todos atuantes na unidade de ensino no ano de 2012, representando o corpo docente da escola. No segmento pais enviou-se o questionário a todos os pais das turmas de 1º ao 5º ano, de forma a procurar “exprimir a realidade e não julga-la” (TRIVIÑOS, 1987).

O questionário foi aplicado individualmente com os professores onde os mesmos responderão cinco questões que focam no problema de pesquisa relacionando à pratica pedagógica dos professores o envolvimento afetivo estabelecido com os educandos, a participação das famílias na vida escolar do educando; bem como a visão que os mesmos possuem sobre o coordenador pedagógico e seu papel de articulador entre família e escola na intenção de promover a aprendizagem.

O questionário com os pais, enviado às famílias, responderam questões relacionadas ao acompanhamento da vida escolar dos educandos, sobre como a família percebe sua participação junto ao trabalho pedagógico da escola e o que pode ser feito para que as famílias possam se envolver mais com o trabalho pedagógico da instituição de ensino, fazendo ainda um levantamento do conhecimento que os mesmos possuem sobre o papel do coordenador pedagógico.

Os dados coletados tendem a refletir as opiniões dos profissionais acerca da afetividade, e opiniões variadas podem trazer à pesquisa uma diversidade de percepções e condutas pedagógicas dos professores, mostrando como diferentes práticas podem afetar a aprendizagem dos educandos.

Segundo Triviños, Hussel afirma que as vivências “são os primeiros dados absolutos” (Triviños, 1987, p. 44). Assim ao analisar as experiências da prática pedagógica consideradas pelos professores,considera-se o lado afetivo dos educandos, meditando acerca da intencionalidade e observando se a mesma acaba atingindo de forma positiva ou não a aprendizagem, e incluindo o coordenador pedagógico no envolvimento das famílias com a educação de seus filhos.

Após a coleta de dados com os questionários feitos com o grupo de professores, foi feito o estudo das questões, sendo analisadas individualmente e considerados os pontos divergentes e convergentes em cada questão.

Já o questionário apresentado aos pais de alunos os dados coletados foram organizados em tabelas e gráficos, questão a questão, sendo analisadas considerando as informações pertinentes apresentadas

A intenção foi destacar a parte quantitativa dos dados apresentados, analisar como se processa e como os pais percebem sua participação na vida escolar de seus filhos e mensurar a valorização da afetividade em sua relação com seus filhos.

2.2. Relato da coleta de dados

Após aprovação dos instrumentos de coleta de dados, seguiu-se para sensibilização dos professores para participarem da pesquisa. Após entrega e esclarecimento sobre a temática e sobre os objetivos da pesquisa, entregou-se os questionários que foram respondidos individualmente pelos professores no espaço da coordenação pedagógica e, um a um os questionários foram sendo devolvidos.

Somou-se um total de dez questionários recebidos, onde nestes refletem-se as visões pedagógicas de cada professor, bem como suas opiniões. Percebe-se que o compromisso com a educação e algumas angústias são compartilhadas coletivamente, apesar de terem utilizado destaques diferenciados. As ideias caminham para um denominador comum onde educação se faz em parceria escola e família.

Quanto aos questionários enviados às famílias, os alunos das turmas do 1º ao 5º ano receberam esclarecimento nas salas de aula de que se tratava de uma pesquisa e de que os pais deveriam preencher com carinho. Após esclarecimento, alguns alunos demonstraram estarem motivados em participar de uma pesquisa. Procurou-se entregar um questionário por família de forma que cada pai só preenchesse um questionário, assim o questionário foi entregue sempre ao irmão mais velho.

O questionário enviado às famílias foi entregue na primeira semana de março e distribuídos cerca de 60 questionários. Foram recolhidos apenas 47 questionários, que foram repassados aos professores e estes foram coletando dos alunos e repassando à pesquisadora . Alguns alunos que haviam faltado no dia da entrega dos questionários demonstraram interesse em fazer parte da pesquisa relatando que suas mães gostariam de participar.

Interessante comentar sobre o relato de alunos afirmando que a mãe falou que não iria responder, pois tem mais o que fazer, ou que não tem tempo.

Nesse caso podemos fazer uma análise sobre qual a importância da escola e da participação familiar para cada família. Vale ressaltar a preocupação de alguns pais em me procurar para poder participar da pesquisa devido à insistência do filho após mobilização ocorrida em sala.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

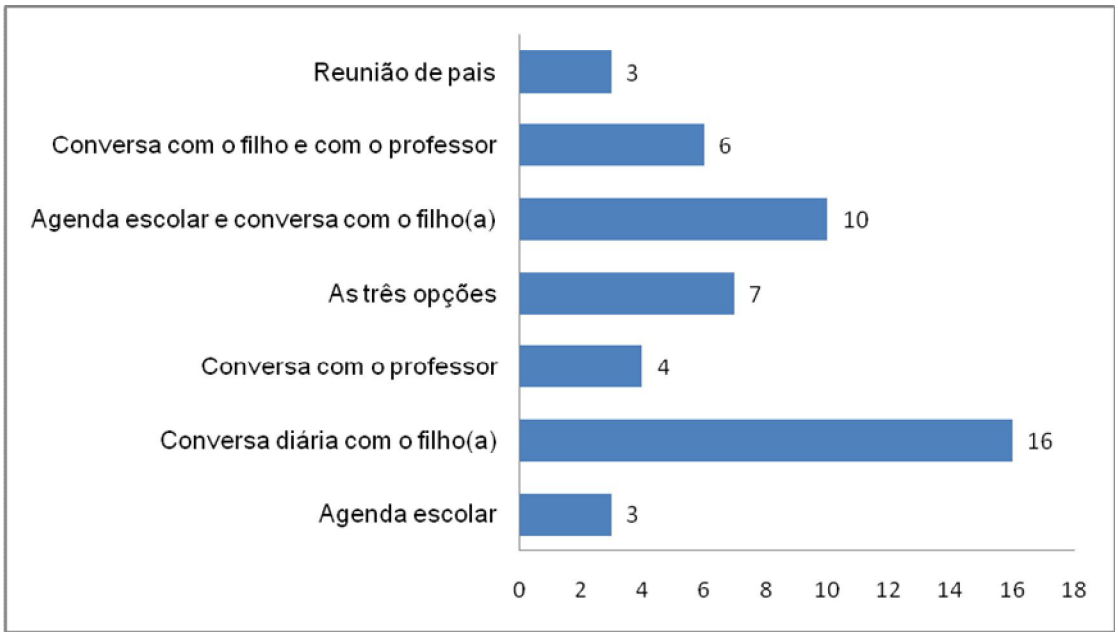
3.1 Questionário com os pais

De um total de 47 questionários coletados pode-se observar como as famílias encontram formas diferenciadas de realizar o acompanhamento familiar.

Em várias famílias, a conversa com o filho ainda é a forma mais utilizada para o pai acompanhar o desenvolvimento escolar de seu filho e, em segundo lugar, a agenda escolar. Apenas três pais marcam reunião de pais como forma de acompanhar o desenvolvimento do filho e quatro marcam a conversa com o professor para saber do desenvolvimento do filho.

Isso demonstra que os pais ainda preferem saber o que ocorre na escola pelos seus filhos, sendo estes fonte primeira de contato dos pais com a escola. Podemos perceber que o olhar que o filho leva da escola acaba refletindo na percepção que o pai tem da escola.

Gráfico 1: Acompanhamento das atividades escolares



Organização: Ane Rúbia Perius, 2013

Dessen e Polonia afirmam que

> Os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes que participa (DESSEN; POLÔNIA, 2007, p.24).

Se os pais mantêm um diálogo saudável com seus filhos e esses têm uma interação e uma visão positiva da escola, os pais passam a ter uma visão positiva do ambiente escolar e a participar mais da vida escolar, estando presente dentro das instituições de ensino até como forma de averiguar a visão que o filho relata.

No entanto, o fato de terem apresentado certo descrédito quanto à reunião de pais e à conversa com os professores, podem ser preocupantes no sentido de oferecer grande credibilidade ao que a criança fala ou que a escola e o professor estão desacreditados. Ainda pode se inferir que ocorre certo abandono da criança se ela diz que está bem e o pai não procura acompanhar seu desenvolvimento escolar.

Após a análise da primeira questão observou-se que seis questionários não estavam identificados e 41 estavam identificados com o nome da criança. Entre os questionários que não foram identificados, com o nome do aluno e turma, percebeu-se mais questões deixadas em branco.

Na segunda questão em que se pedia para destacar os aspectos positivos foram várias as opções destacadas pelos responsáveis pelos educandos tais como: o compromisso dos profissionais em destaque aos professores, citando a questão do acolhimento aos alunos os incentivos dados as crianças o compromisso dos profissionais em destaque aos professores, citando a questão do acolhimento aos alunos e pais; a qualidade do ensino ofertado, os projetos desenvolvidos pela escola; a organização escolar; percebem a escola como segura. Enfim, o trabalho conjunto de todos os profissionais. Nove pais não responderam a questão deixando-a em branco.

Percebe-se que a escola realmente é observada pelos pais e estes estão de olho no que se passa no ambiente escolar, e no tipo de trabalho que é desenvolvido pelos profissionais, o destaque dado ao incentivo e ao acolhimento dado na chegada do aluno e do pai a escola reforça a importância do envolvimento emocional do pai com a escola se este é bem acolhido e bem recebido na escola e sente que seu filho recebe um bom atendimento acredito que gradativamente ele vai se interessar mais em participar da vida escolar de seu filho.

A crescente ausência das famílias na vida escolar, no acompanhamento das atividades escolares, em alguns casos, acaba gerando transtornos e dificuldades de aprendizagens, uma vez que o lar, lugar primeiro de aprendizagem, encontra-se desestruturado, sem abertura ou tempo para o diálogo franco e aberto.

Em relação à terceira questão, quanto ao que precisa ser aprimorado na escola, a maioria dos pais informou que o que precisa de melhorias é a estrutura física da escola: a reforma do parque, construção de quadra coberta, ampliação das salas, construção de mais banheiros, mais espaços para o lazer, salas para atividades diferenciadas (artes, informática), enfim, uma reforma geral na escola.

Alguns pais citaram a necessidade de mais incentivo por parte do governo na reforma da escola e no incentivo ao professor, o que foi surpreendente detectar que os pais observam o percentual de culpa do governo na estrutura atual da escola.

Nove pais não responderam essa questão e outros recordaram projetos que foram significativos para seus filhos, como o projeto de leitura que proporciona o contato da criança com o escritor. Dois pais recordaram das palestras desenvolvidas na escola sobre a importância da participação das famílias com palestrantes convidados.

Juntamente com a infraestrutura, alguns pais destacaram a necessidade da melhoria do transporte às crianças de zona rural da região. Quatro pais sugeriram o desenvolvimento de aulas práticas, dinâmicas e físicas, onde o conhecimento possa ser vivenciado no cotidiano. Quatro pais destacaram que nada precisa ser melhorado.

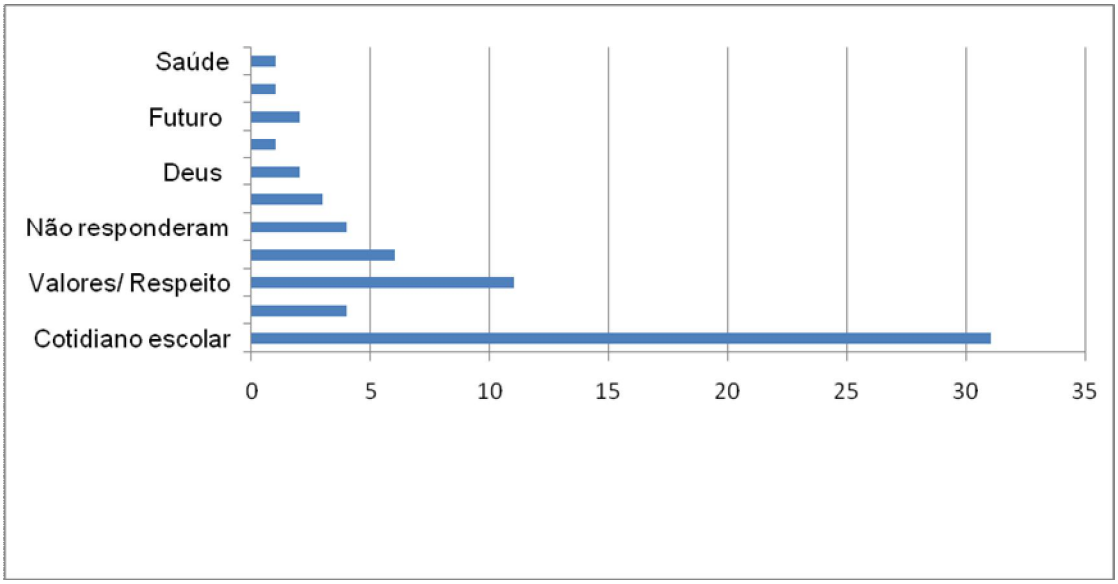
Kramer (2007, p. 21) afirma que “são necessárias condições concretas de trabalho com qualidade e ação coletiva que viabilizem formas de enfrentar os desafios e mudar o futuro”. A cada dia percebe-se que não bastam bons profissionais é necessário oferecer-lhes condições dignas de trabalho para que possam construir um futuro de qualidade em uma escola de qualidade. O tempo da criança é agora, ela não pode esperar que se criem estruturas para que receba uma escola de qualidade. Escola de qualidade se faz no dia a dia da sala de aula com profissionais comprometidos e que lutam pela melhoria da educação como um todo.

Observa-se que os pais acompanham o que ocorre na escola e de certa forma aparentam ter um olhar mais crítico acerca das condições físicas da escola e do trabalho que é desenvolvido por seus profissionais.

Na quarta questão, quando questionados sobre o diálogo que mantêm com seus filhos, quatro pais não responderam a questão. Os demais afirmaram que conversam com seus filhos e 31 respostas afirmaram que o assunto estava ligado à escola, ao comportamento, ao estudo, à aprendizagem.

No gráfico abaixo, observa-se com maior clareza os assuntos abordados nos diálogos entre pais e filhos.

Gráfico 2: Sobre quais assuntos conversa com seu filho?



Organização: Ane Rúbia Perius, 2013

Pelo gráfico pode-se perceber que os diálogos entre pais e filhos em sua maioria giram em torno do ambiente escolar, poucos pais acrescentam temas polêmicos em suas relações com seus filhos. Tratam de valores, de respeito, de Deus, mas e o ser humano em formação seus anseios angústias será que algum espaço no diálogo familiar é dedicado a essas questões? A sociedade está cada vez mais cheia de conhecimentos e vazia de sentimentos.

A respeito dessa capacidade de diálogo sincero e verdadeiro nos núcleos familiares, Kramer afirma que

> Com a perda da capacidade do diálogo na modernidade, as pessoas só conversam sobre o preço das coisas; sem o diálogo, sem a narrativa, ficam impossibilitadas de dar ou ouvir um conselho que é sempre a sugestão de como a história poderia continuar (KRAMER, 2007, p.21).

É necessário trabalhar com a comunidade escolar a questão do diálogo franco, sincero onde, por meio deste, conseguimos pistas importantes que indicam as melhores formas de lidar com o outro e com o mundo, favorecendo não só a aprendizagem cognitiva, mas a social, afetiva, psicomotora, artística, cultural etc.

Na quinta questão, quanto à participação dos pais nas reuniões escolares, 35 pais marcaram que sempre participam das reuniões de pais, subentendendo-se que estão interessados em como anda a vida escolar de seu filho.

Tabela 1: Como é sua participação nas reuniões de pais?

Participa das reuniões de pais	Respostas	%
Sempre	34	72%
Às vezes	13	28%
Nunca	0	0%
Total	47	100%

Organização: Ane Rúbia Perius, 2013

A participação dos pais nas reuniões e projetos escolares deveria ser cem por cento uma vez que se trata do desenvolvimento de seu filho. Observa-se que apenas 72% dos pais participam sempre das reuniões de pais, um dado preocupante significa, pois 28% dos pais costumam faltar às reuniões bimestrais.

Aparece aí o que Kramer (2007, p.18) chama de indisponibilidade, onde se percebe “a indisponibilidade do adulto que parece impregnar a vida contemporânea, marcada pelo individualismo e pela mercantilização das relações” sociais e familiares. As famílias estão em busca de promover o sustento da prole que nos dias atuais não se trata apenas de alimento, mas de roupas, brinquedos, moradia, calçados etc., e quanto mais se tem mais se quer, se precisa.

A tão sonhada globalização, defendida por muitos, acaba por ampliar a divulgação dos produtos do mundo capitalista. As pessoas estão cada vez mais reféns das mídias, das propagandas apelativas para o consumismo cada vez mais acentuado em nossa sociedade. Os seres acabam sendo valorados pelo que possuem e não pelo que são.

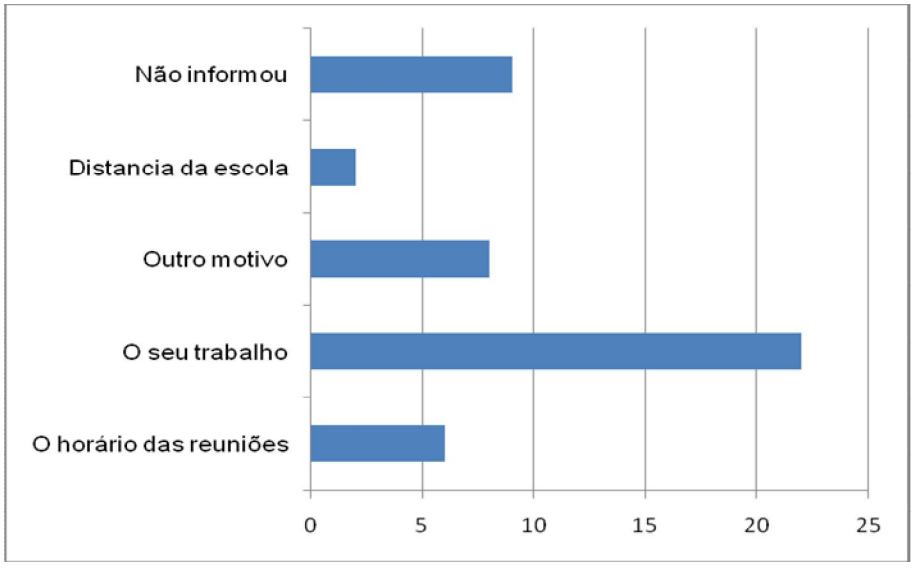
Nesse caminho percorrido as crianças acabam sendo as mais atingidas uma vez que sua curiosidade e necessidades não são sanadas. Como afirma Kramer (2007, p. 19), “perguntas ficam sem respostas, transgressões ficam sem sanção, dúvidas ficam sem esclarecimento, relatos ficam sem escuta”. Tudo pelo simples

fato de não se ter tempo para ouvir, ver, sentir, viver. Os seres estão se automatizando, realizando tudo no piloto automático e o afeto, o carinho o cuidar e o educar acabam ficando sempre em segundo plano, para quando se tiver tempo. E esse tempo nunca chega.

A falta da participação dos pais nas reuniões de pais acaba por comprovar essa falta de tempo de dedicar-se com afeto aos filhos. Claro que não se pode generalizar, mas observa-se que as crianças com necessidades e dificuldades de aprendizagem em sua maioria provêm de lares que apresentam alguns desajustes: sociais, estruturais, emocionais, afetivos, financeiros.

Na sexta questão, quando as famílias foram questionadas sobre o que as impede de terem uma participação maior na vida escolar de seus filhos, sete pais informaram que a dificuldade em participar são os horários das reuniões. Cabe esclarecer que foi feito um levantamento do melhor dia e horário para ocorrer as reuniões, mas infelizmente é impossível atender a necessidade de todos. No entanto, os pais recebem esclarecimentos de que podem procurar os professores de seu filho sempre que acharem necessário, no horário de coordenação deste.

Gráfico 3: Motivos que impedem a maior participação dos pais nas reuniões



Organização: Ane Rúbia Perius, 2013

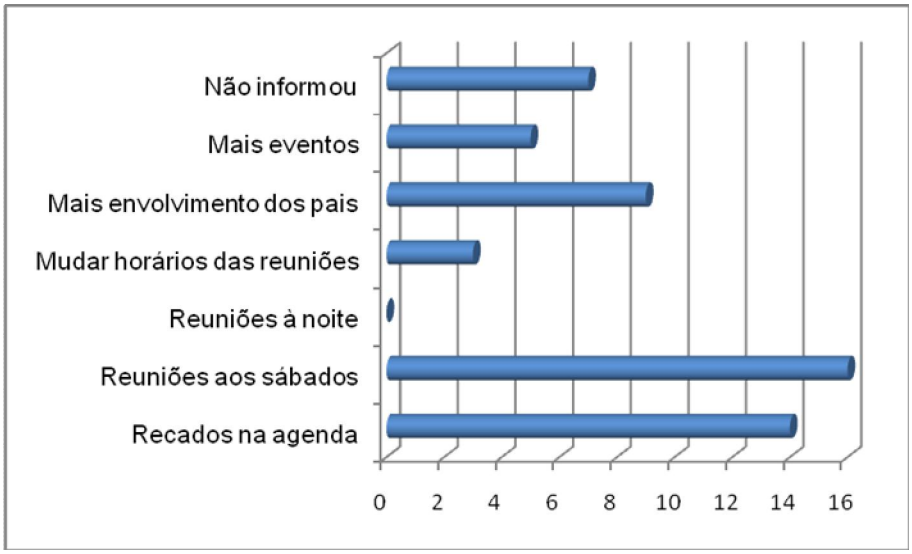
Pode-se notar nos dados apresentados que o maior motivo para o não comparecimento as reuniões de pais é o trabalho. Hoje em dia a legislação em vigor defende os interesses dos educandos, garantindo que os pais possam comparecer

às reuniões de filhos, mediante apresentação de declaração de comparecimento, que possam se ausentar do trabalho para acompanhar o desenvolvimento de seus filhos. O diferencial de educandos da zona rural como é o caso da escola onde atuo é o fato das famílias não trabalharem de carteira assinada, ficando difícil justificativa quando trabalham na irregularidade.

Com relação à sétima questão acerca do que pode ser feito para o pai participar mais da vida escolar, observou-se que cabe à escola trabalhar a sensibilização das famílias sobre a importância de sua participação no acompanhamento escolar dos educandos. A família precisa de ser motivada a participar. Algumas escolas utilizam de barganhas para promover a participação, como promoção de sorteios aos pais que participarem, bingos etc.

Em um primeiro momento esse método pode ser empregado, mas não deve ser o motivador do comparecimento da família à escola. A verdadeira motivação deveria ser a preocupação com o bom desenvolvimento da criança.

Gráfico 4: O que a escola pode fazer para melhorar a participação das famílias?



Organização: Ane Rúbia Perius, 2013

Nota-se que os pais reconhecem a necessidade de um maior envolvimento deles mesmo. As escolas também devem estar abertas a acolher os pais quando estes chegam até ela. Uma boa recepção aos pais na escola pode fazer a diferença. Para que isso ocorra todos os funcionários que atuam na escola devem estar preparados para receber o pai na sua chegada à escola. Desde o serviço de

portaria, de limpeza e serviço, merenda, secretaria e direção e professor devem estar preparados, devem estar cientes da importância desse na aprendizagem da criança.

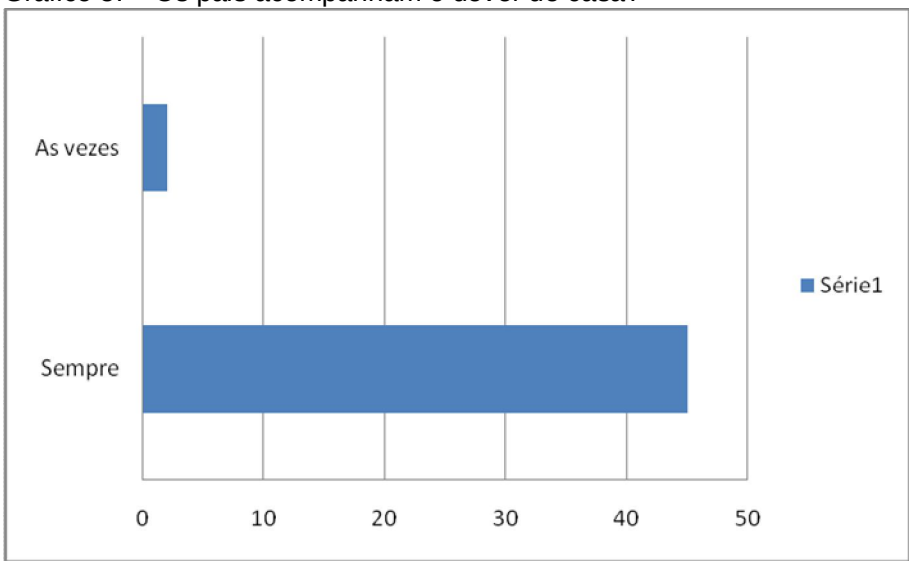
No gráfico, pode-se perceber que os pais se interessam pela participação em eventos na escola, não apenas reuniões. Na questão oitava, pelas respostas observadas no gráfico nota-se que os pais procuram acompanhar o dever de casa.

Kramer afirma que

> O trabalho pedagógico precisa favorecer a experiência com o conhecimento científico e com a cultura, entendida tanto na sua dimensão de produção nas relações sociais cotidianas e como produção historicamente acumulada, presente na literatura, na música, na dança, no teatro, no cinema, na produção artística, histórica e cultural que se encontra nos museus (KRAMER, 2007, p.19).

O acompanhamento do dever de casa é essencial para que a criança perceba o a importância que os pais dão ao estudo, nesse momento do dever de casa pais e filhos acabam por estreitar laços familiares e afetivos. No ato de acompanhar o dever de casa o pai entra em contato com os projetos desenvolvidos pela escola, troca experiências com o filho sobre o que esta sendo estudado, complementando o conhecimento escolar com a cultura familiar.

Gráfico 5: – Os pais acompanham o dever de casa?



Organização: Ane Rúbia Perius, 2013

Na nona questão sobre a importância da família participar da vida escolar da criança, apenas cinco pais não responderam a pergunta e os demais foram unânimes em afirmar que consideram importante a participação dos pais na vida escolar dos filhos. E quando questionados o motivo dessa importância afirmaram que a família é a base do desenvolvimento da criança, os pais reconhecem em seus relatos que o acompanhamento em casa ajuda no desenvolvimento escolar, na aprendizagem, no desempenho futuro, que o mesmo aprende a ter responsabilidade, percebe a importância que os pais dão ao estudo e tendem a se esforçar mais.

Considera-se interessante o relato onde a mãe afirma que “quando a criança é assistida de perto o seu futuro é garantido”, nesse relato percebe-se a importância da participação familiar e a preocupação da família com o futuro das crianças. Assim a criança cria expectativas para seu futuro, reflete apreende conhecimentos e os projeta para sua vida familiar, social e de comunidade.

Em relação ao desenvolvimento afetivo tiveram relatos relacionados à autoestima que “os filhos se sentem mais amados”, mais autoconfiantes, seguros e protegidos, quando percebem que o pai se preocupa com seu desenvolvimento escolar, com o que ocorre com ele na escola.

E no momento em que o pai ouve seu filho, dedicar um tempo para ele acaba despertando sensações positivas em seu filho o que acaba gerando a autoconfiança, auto-estima e o bem estar.

Um relato me emocionou: “os maiores problemas que surgem nas escolas são reflexos de famílias despedaçadas, desestruturadas que não tem condições de sustentar a educação”. Aqui entendo educação como formação integral da criança, não formação integral na escola, mas partindo da família. A formação da pessoa se inicia na família, se a família não o faz, a integralidade do ser foi quebrada.

Tassoni e Leite (2010, p. 1) afirmam que “segundo Wallon (1978), a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais”.

Ao observar a tabela abaixo, nota-se que a maioria dos pais reconhece quem é o coordenador pedagógico, mas nos relatos sobre reconhecer a função que desempenham os pais demonstraram não ter clareza sobre o papel desse profissional na escola.

Tabela 2: Os pais conhecem o coordenador pedagógico da escola

Conhece o coordenador pedagógico?	Respostas	%
Sim	30	64%
Não	15	32%
Não respondeu	2	4%
Total	47	100%

Organização: Ane Rúbia Perius, 2013

Segundo registro dos pais, estas são algumas das atribuições do coordenador pedagógico: ajudar as crianças com dificuldades de aprendizagem, cuidar da pedagogia e se preocupar com os estudos, auxiliar o professor na educação dos alunos, conversar com os pais para resolver problemas dos alunos, tratar de assuntos escolares, orientar alunos, coordenar atividades pedagógicas visando sempre o melhor para todos: pais, “mestres” e alunos, educar, ensinar, realizar reuniões de pais, ajudar na coordenação da escola.

Juntando um pouquinho do que cada pai redigiu, tem-se a função do coordenador, apesar de acreditarem que não sabem das funções do coordenador.

Entre coordenador e pais acaba ocorrendo uma relação social mesmo que seja indireta por meio da criança. Rossetti-Ferreira (2000, p. 2) afirma que “as relações sociais que se criam são continuamente co-construídas a partir de interações, isto é, de ações partilhadas e interdependentes que são estabelecidas entre as pessoas.” Assim, no ambiente escolar e entre a comunidade escolar, co-existe uma relação que quanto mais amigável melhor será para ambos os lados.

Em relação ao contato do pai com o coordenador da escola abordado na questão doze, notou-se que 23 pais afirmaram não terem tido contato com o coordenador pedagógico da escola.

Tabela 3: Os pais já tiveram contato com o coordenador da escola?

Contato com o coordenador da escola	Respostas	%
Sim	17	36%
Não	23	49%
Não respondeu	7	15%
Total	47	100%

Organização: Ane Rúbia Perius, 2013

Os pais que mantiveram contato com o coordenador o fizeram em momentos diferenciados, em reuniões de pais, eventos na escola, conversas em particular com pais sobre o desenvolvimento do filho. E em cada um desses contatos o vínculo criado entre coordenador e pais é diferenciado. Um pai que só teve o contato com o coordenador em reunião de pais tem uma visão diferenciada do pai que resolveu alguma situação relacionada ao educando com o coordenador.

O coordenador no atendimento ao responsável pela família tem de procurar ser o mais amistoso e receptivo possível a fim de manter uma relação afetuosa de respeito e cumplicidade entre escola e família.

Os pais relataram que tiveram uma impressão positiva do contato com o coordenador e isso tende a construir uma relação de respeito entre os mesmos. Essa boa impressão relatada estabelece um vínculo afetivo que facilita a abertura do pai para os próximos encontros, motivando uma nova participação da família, uma vez que foi bem acolhida no ambiente escolar.

Na questão treze, tratou da relação do educando com o professor e como os pais a percebem. Observou-se que apenas dois pais consideraram o relacionamento regular, os demais consideram o relacionamento professor aluno bom ou ótimo. Podemos entender que um bom relacionamento precisa de alguns ajustes hora ou outra, como ocorre em qualquer relacionamento.

Tabela 4: Como é a relação entre educando e professor na visão dos pais?

Relação entre educando e professor	Respostas	%
Ótima	13	28%
Boa	29	62%
Regular	2	4%
Não informaram	3	6%
TOTAL	47	100%

Organização: Ane Rúbia Perius, 2013

Em seus comentários nota-se que se estabeleceu uma relação de confiança entre professor e aluno onde carinho e confiança aparecem em destaque junto às famílias, transmitindo a segurança no trabalho a ser desenvolvido.

Na questão catorze, com relação ao bom relacionamento afetivo e aprendizagem, os pais consideraram que o bom relacionamento afetivo entre

professor e aluno favorece a aprendizagem pois permite que o aluno tenha mais interesse e se sinta mais motivado para aprender. Segundo Antunes a motivação é “a causa ou a razão que nos leva a fazer algo ou alguma coisa” (2009, p.16).

Assim podemos entender que se o aluno se sente motivado em ir para a escola, pois construiu uma relação afetiva com seu professor, o mesmo estará mais interessado e aberto à aprendizagem.

3.2 Questionário com os professores

Devido à importância do papel do professor para a educação, este não poderia deixar de ser ouvido, ter suas opiniões registradas e consideradas, pois suas ações afetam diretamente o educando. Seu trabalho é capaz de deixar marcas profundas nas crianças em formação, tornando-se uma figura inesquecível para o educando. Temos que fazer o possível para que a marca deixada na criança seja positiva e enriquecedora.

Por meio das opiniões expressas nos questionários realizados pode-se observar quais as opiniões dos professores acerca do trabalho pedagógico tendo como aliado a afetividade, o campo emocional dos educandos e bem como as estratégias utilizadas para favorecer uma prática pedagógica que considere a formação dos educandos em sua integralidade: cognitivo, social, físico e emocional.

A importância de se desenvolver a habilidade emocional encontra-se presente no momento que se proporciona o aprimoramento das outras habilidades, cognitiva e social, e tem a capacidade de impulsionar a aprendizagem gerando reações de bem estar, tanto nos educandos quanto nos educadores.

Dentre as 10 respostas coletadas 10 afirmaram que procuram considerar o lado emocional dos educandos em seu planejamento. As formas que procuram evidenciar, ou seja, possibilitar essa interação por meio de jogos; atividades recreativas; atividades de socialização e de interação; expressão oral foi considerada em diversos momentos; o trabalho com valores e o uso do brincar, aparece como forma de despertar o campo emocional e assim abrir uma porta para o trabalho cognitivo.

Oliveira, ao se referir ao papel do brincar para a criança, afirma que “o que na vida é real e natural e passa desapercebido, na brincadeira torna-se regra e contribui

para que a criança entenda o universo particular dos diversos papéis que desempenha" (OLIVEIRA, 2003, p. 67).

O ser humano brinca desde os primórdios de sua evolução. De uma maneira abrangente, a criança carrega no brincar o impulso da descoberta onde, movida pela curiosidade, ela fantasia a realidade pra compreendê-la à sua maneira.

Alguns profissionais ressaltaram a importância de se contar histórias e por meio delas atingir e trabalhar a emoção da criança para despertar uma convivência harmônica em sala de aula, tornar o ambiente escolar um local de respeito e confiança.

Os professores em seus relatos relataram à importância, de se observar a individualidade dos educandos, procurar considerar o que vivenciam e, partir de sua realidade, exercitar a escuta sensível de suas histórias diárias.

Um professor mencionou a importância de ao se introduzir ou apresentar conteúdos as crianças, o mesmo precise pensar as áreas de interesse de cada um e pesquisar métodos e técnicas que agradem e despertem a criatividade dos educandos.

Dos dez professores entrevistados, os dez afirmaram que consideram que as dificuldades apresentadas pelas crianças têm relação com o campo afetivo e emocional da criança.

Algumas das dificuldades observadas pelos docentes e citadas nos questionários foram a baixa estima, insegurança na realização das atividades, déficit de atenção, concentração, organização, higiene pessoal, atividades não concluídas, leitura deficiente, coordenação motora.

Segundo respostas dos professores, a afetividade afeta o interesse, refletindo em reações agressivas e gerando isolamento, choro recorrente, apatia. O fato da criança se sentir sozinha, discriminada abandonada é, para alguns profissionais, como se a criança construísse barreiras e bloqueios impenetráveis ao conhecimento.

A relação familiar foi recorrentemente destacada por vários professores como fator que influencia no desenvolvimento cognitivo do educando, podendo observar pelos seus relatos que quando a família não cumpre com sua obrigação gera dificuldades de aprendizagens diversas, uma vez que cada ser tem uma capacidade própria de reagir ao meio. A falta de um ambiente familiar saudável reflete no

comportamento da criança dentro da escola e por maiores que sejam os esforços da escola, a família tem que fazer a sua parte.

Todos os profissionais entrevistados afirmaram que a participação familiar é um fator que interfere diretamente na aprendizagem. Os professores destacaram que a criança que conta com um acompanhamento familiar sente-se motivada e, consequentemente, melhor preparada para superar possíveis dificuldades, pois a medida que recebe apoio, incentivo, amor, a mesma acaba refletindo esses estímulos e transformando-os em aprendizagens, fortalecendo sua independência e tornando-se mais preparada e confiante.

Um aspecto ressaltado é a importância do trabalho conjunto entre escola e famílias onde esse laço bem estabelecido fortalece resultados desejados; um precisa do outro e vice-versa.

Wadsworth afirma que

> a interação social pode ser de várias maneiras: interações com colegas, pais e outros adultos. Em salas de aula, as ocorrências são, frequentemente, interações de estudantes com outros estudantes e com seus professores. Há também interações com pais e com outras pessoas do ambiente. Todas essas interações são importantes para o desenvolvimento cognitivo. (WADSWORTH, 1996, p.21)

Favorecer um convívio amigável entre escola e família é uma das funções do papel do coordenador pedagógico, que junto com a equipe diretiva da escola e com corpo docente, deve planejar ações que visem proporcionar uma maior interação da família com o ambiente escolar, a fim de favorecer que o desenvolvimento do educando e a aprendizagem ocorram da melhor forma possível.

Neste quesito, pais e professores concordam com a importância da participação familiar na vida escolar dos educandos para promoção da aprendizagem. A dificuldade muitas vezes está em atingir aquele pai mais ausente, que não comparece as reuniões, que não acompanha o dever de casa, que apresenta falhas no diálogo com seu filho. Entra aí a figura do coordenador em articular ações que visem que as famílias percebam a importância da participação na vida escolar dos educandos para um bom desenvolvimento escolar da criança.

Os professores destacaram a importância da escola desencadear e desenvolver ações onde a família e a escola possam estreitar sua relação, estabelecendo confiança por meio do estímulo à participação de projetos em que as famílias sejam incluídas no contexto escolar.

Desencadear ações para que a família possa sentir-se acolhida pela escola e sua presença possa ser sempre valorizada. Algumas ações seriam reuniões/ encontros freqüentes entre escola e família para estreitar essa relação, chamando os pais para conhecerem a rotina da escola, participar de brincadeiras (ensinar e brincar), ler, ouvir e contar histórias, palestras de conscientização do papel da família, oficinas e encontros onde se possa refletir sobre o cuidar e o educar no resgate aos valores e no de momentos onde os pais possam ter conhecimento de seus direitos e deveres.

Destaca-se em um questionário a necessidade de se conhecer a real situação das famílias atendidas pela escola, como vivem seus anseios, medos, angústias, necessidades e formas de interagir com os filhos bem como com a escola.

Os professores também destacaram que o coordenador pode atuar como elo entre a escola e a família, articulando ações onde essa interação prazerosa, seja possibilitada e, juntos escola e família possa pensar nas melhores ações a serem desenvolvidas para que os objetivos possam ser atingidos.

O coordenador é visto pelos professores como um profissional que, como observador atento, orienta, proporciona reflexões e estudos direcionando as atividades educacionais, buscando o sucesso de toda a comunidade escolar, onde viabiliza encontros com os pais e escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa pode-se perceber que tanto para pais quanto para educadores, na tentativa de se responder o problema de pesquisa, a afetividade é reconhecida como fator determinante e facilitador da aprendizagem.

Após identificação de um ponto comum entre pais e professores, a escola de posse dessa afirmação pode, por meio da figura do coordenador pedagógico, articular formas do professor e a família desencadearem ações onde seja dado o devido valor à importância desse precioso vínculo para a aprendizagem.

Essas ações a serem articuladas têm de ser passadas de forma sutil e muito bem arquitetadas, planejadas de forma a considerar o pensamento da família, como também do professor. O coordenador não pode tomar parte de nenhum lado e tem que favorecer o bom entendimento entre educador e pais, procurando aproximar o pai da vida escolar da criança e preparar o professor para receber esse pai na escola.

A escola tem que estar com todo seu efetivo ciente da importância do pai na escola e da forma com que esse pai precisa ser tratado . Cabe ao coordenador, juntamente com a direção da escola, articular ações a fim e conscientizar e mobilizar a participação de todos os funcionários presentes na escola quanto ao tratamento a ser dado a pais e alunos.

Para que o proposto ocorra, faz-se necessário construir dentro do ambiente escolar um clima de camaradagem, respeito, harmonia criando um ambiente onde o lado emocional de todos possa ser considerado, não apenas o do educando, mas também dos profissionais que ali atuam. Se o ambiente de trabalho é agradável isso se reflete na produção pedagógica.

No relato de alguns pais observou-se que algumas ações foram marcantes, como as palestras para pais e o convite para as reuniões. O coordenador pedagógico como elo, como articulador tem que preparar os encontros com os pais considerando que estes estão presentes preocupados com o que o professor tem a falar sobre o seu filho, cientes de que a reunião em si é um momento chato, cansativo, demorado e que muitas vezes não se tem o tempo. Na sociedade atual, corre-se contra o tempo e os pais chegam à escola com pressa, pois, tem compromissos horários a cumprir. E aí o que fazer?

Vem novamente o coordenador planejar, desencadear ações onde a reunião de pais possa criar algum elo afetivo entre escola e família, onde esse momento de encontro possa ser prazeroso para a família, onde esta possa ser acolhida, recepcionada e estimulada a participar. O papel do coordenador está na busca, na pesquisa, no estudo e execução de dinâmicas de grupo no sentido de recepcionar os pais, de pesquisar formas de se polemizar alguns temas difíceis de serem abordados, e trabalhar de forma a contemplar as angústias das famílias. A escola tem que estabelecer uma relação entre o conhecimento socialmente e historicamente construído, aliado à realidade das famílias.

Chegando ao término desta pesquisa, chego à conclusão da extrema necessidade de se fazer educação e de qualidade, depende não só da escola ou da família, mas de um trabalho conjunto, entrelaçado e de comprometimento de ambos os lados. Não vejo, nem consigo visualizar esse trabalho ocorrendo de forma efetiva sem o comprometimento e sem a figura do coordenador, juntamente com a equipe gestora, desenvolvendo um trabalho focado no aspecto afetivo em função da aprendizagem. O coordenador recebe destaque, pois de certa forma os professores por mais bem preparados que sejam, aguardam que esse profissional faça com que a escola toda caminhe da mesma direção.

Vejo o coordenador pedagógico que, de posse da meta estabelecida no trabalho coletivo, procura com que o grupo manter o foco nos objetivos traçados em conjunto. No dia a dia da escola é muito fácil perder-se no percurso entre um acontecimento e outro, perdendo o essencial do trabalho a ser desenvolvido. É preciso ter uma pessoa à frente da equipe permitindo que os acontecimentos diários da escola possam ser resolvidos e se gaste a energia necessária a fim de atingir os objetivos propostos.

Esse trabalho não será vencido em curto prazo, mas em longo prazo, não tenho a ilusão de que é um trabalho fácil, ao contrário, é difícil e com muitos obstáculos a serem vencidos para que se contemple uma educação para a realidade que nos é apresentada.

Não posso aqui deixar uma receita pronta, uma resposta fechada cada escola é uma escola e tem que trabalhar a realidade que lhe é apresentada. Quem pode definir as melhores ações é o grupo escolar, definindo as melhores formas de mobilizar a participação familiar.

Ainda ficam algumas questões sem respostas: A escola tem condições de mobilizar todas as famílias ausentes? Como atingir a todos? Como garantir que todos os educandos tenham acesso a um acompanhamento por parte das famílias?

São muitas questões que ainda permanecem, mas criar um vínculo afetivo entre comunidade escolar já é um começo, uma diretriz. A aprendizagem depende dessa interrelação escola/ família para ofertar uma educação de qualidade.

Mas um aspecto é comum as diferentes escolas o estabelecimento de uma relação sólida entre escola, família e afetividade. Acredito que as crianças nunca necessitaram tanto de amor, de família e de escola como nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. *Jogos para bem ensinar*. Fortaleza: IMEPH, 2009.

DESSEN, M. A., POLONIA, A. da C. *A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano.* Brasília: Paidéia, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/paideia>. Acesso em 21 nov 2012.

GRANDINO, P. J. Wallon e a psicogênese da pessoa na educação brasileira. In: DIAS, E. T. D. M (Org.). *Henry Wallon,* Hélène Grantiot-Alfandéry. Recife: Massangana, 2010, p 31-42.

KRAMER, S.. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, J; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. do (Orgs.). *Ensino Fundamental de 9 anos*: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, 2007. p.13-23.

LIMA, P. G., SANTOS, S. M. dos. *O coordenador pedagógico na educação básica:* desafios e perspectivas. Revista Educação, São Paulo, vol. 2, n. 4, jul./dez. 2007, p. 77-90.

MAHONEY, A. A. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L. R. de (Orgs.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon.* São Paulo: Loyola, 2004. p. 13-24.

OLIVEIRA, M. K. de. *Aprendizagem e desenvolvimento um processo sócio histórico*. São Paulo: Scipione, 2003.

PILETTI, N. *Estrutura e funcionamento do ensino fundamental*. São Paulo: Ática, 1998.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. e AMORIM K. S. S. A. P. *Uma perspectiva teórico metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação.* Psicologia: Reflexão Crítica, Porto Alegre, vol. 13 n. 2, 2000. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722000000200008>. Acesso em 21 out 2012

TASSONI, E. C. M., LEITE, S. A. S*. A relação afeto, cognição e práticas pedagógicas.* Campinas, SP: UNICAMP, 2010. Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT20-6865--Int.pdf>. Acesso em 21 nov 2012.

TRIVIÑOS, A. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. A pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WADSWORTH, B. J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS PAIS

O presente questionário faz parte de uma pesquisa em pós-graduação na área de Educação pela Universidade de Brasília- UnB. Ciente da compreensão e colaboração de todos, aguardo o questionário respondido o quanto antes. Atenciosamente, Ane Rúbia – coordenadora da Escola Classe Chapadinha

Aluno:_____

Série:_____

1. Como você acompanha o desenvolvimento das atividades da escola?

( ) Agenda escolar
( ) Conversa diária com o filho(a)
( ) Conversa com o professor
( )Outros. Especifique:
_____
_____

2. Cite alguns aspectos positivos da escola em que seu filho estuda.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

3. Cite o que precisa ser melhorado na escola para que seu filho tenha uma educação de qualidade.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

4. Você conversa com seu filho? Sobre quais assuntos?

_____
_____
_____
_____
_____

5. Você participa das reuniões escolares da escola de seu filho?

( ) Sempre
( ) Às vezes
( ) Nunca

6. O que te impede de participar mais da vida escolar de seu filho?

( ) O horário das reuniões
( ) O seu trabalho
( ) Outro motivo

7. O que poderia ser feito pela escola para que você pudesse participar mais?
( )Recados na agenda
( ) Reuniões aos sábados
( ) Reunião à noite
( ) Mudar horários das reuniões
( ) Mais envolvimento dos pais
( ) Mais eventos
8. Você costuma acompanhar o dever de casa de seu filho? Como é feito esse acompanhamento?

( ) SIM
( )AS VEZES
( )NÃO

9. Você considera importante a família participar da vida escola de seu filho? Se sim, por quê?

10. Você conhece o coordenador pedagógico da escola de seu filho?
( ) Sim
( ) Não
11. Você sabe qual o papel do coordenador pedagógico na escola?

12. Já teve algum contato com o coordenador pedagógico da escola? Se sim como foi esse encontro?

13. Como é a relação de seu filho com o professor?

14. Você acha que um bom relacionamento afetivo do professor com o aluno facilita a aprendizagem?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO REALIZADO COM OS PROFESSORES

Questionário a ser realizado com os professores.

1. Em seu planejamento você procura considerar o lado emocional de seus alunos?

( ) sim ( ) não

Como?

2. Você percebe que algumas dificuldades de aprendizagem apresentadas apresentam alguma relação com o aspecto afetivo da criança?

( ) sim ( )não . Se sim, quais?

3. A participação da família na vida escolar das crianças, em sua opinião, interfere na aprendizagem?

( ) sim ( ) não . Se sim , como?

4. O que em sua opinião, pode ser feito pela escola para estimular uma maior participação das famílias na vida escolar das crianças?

5. Em que o coordenador pedagógico pode contribuir para estreitar laços afetivos entre a escola e as famílias? Quais ações podem ser desenvolvidas por este profissional?